

ELENA FERRANTE A AMIGA GENIAL

série napolitana
PRIMEIRO ROMANCE



BIBLIOTECA AZUL

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Elena Ferrante

A amiga genial

INFÂNCIA, ADOLESCÊNCIA

Tradução

Maurício Santana Dias



BIBLIOTECA AZUL

Copyright © Edizioni E/O 2011
Publicado em acordo com The Ella Sher Literary Agency
Copyright da tradução © 2015 by Editora Globo S.A.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

Título original: *L'amica geniale: infanzia, adolescenza*

Editor responsável: Ana Lima Cecilio
Editor assistente: Thiago Barbalho
Editor digital: Erick Santos Cardoso
Preparação: Erika Nogueira Vieira
Diagramação: Gisele Baptista de Oliveira
Capa: Mariana Bernd

Todos os esforços foram feitos para reconhecer os direitos autorais da imagem da capa. A editora agradece qualquer informação relativa à autoria, titularidade e/ou outros dados, se comprometendo a incluí-los em edições futuras.

cip-brasil. catalogação-na-fonte
sindicato nacional dos editores de livros, rj

F423a

Ferrante, Elena

A amiga genial : infância, adolescência / Elena Ferrante ; tradução Maurício Santana Dias. - 1. ed. - São Paulo : Biblioteca Azul, 2015.

Tradução de: *L'amica geniale: infanzia, adolescenza*
ISBN 978-85-250-6106-5

1. Romance italiano. I. Dias, Maurício Santana. II. Título.

15-21110 CDD: 853
CDU: 821.131.3-3

Direitos exclusivos de edição em língua portuguesa, para o Brasil, adquiridos por Editora Globo s.a.
Av. Jaguaré, 1485
São Paulo-sp 05346-902
www.globolivros.com.br

Sumário

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Epígrafe](#)

[Lista dos personagens](#)

[PRÓLOGO - Apagar os vestígios](#)

[INFÂNCIA - História de dom Achille](#)

[ADOLESCÊNCIA - História dos sapatos](#)

[Notas](#)

O Senhor: Mas claro, apareça quando quiser, nunca odiei seus semelhantes; de todos os espíritos que dizem não, o Zombeteiro é o que menos me incomoda. O agir humano esmorece muito facilmente, em pouco tempo aspira ao repouso absoluto. Por isso lhe dou de boa vontade um colega que sempre o espicace e desempenhe o papel do diabo.

J.W. Goethe, FAUSTO

Lista dos personagens

A família Cerullo (família do sapateiro):

Fernando Cerullo, sapateiro.

Nunzia Cerullo, mãe de Lila.

Raffaella Cerullo, chamada *Lina* por todos, de *Lila* só por Elena.

Rino Cerullo, irmão mais velho de Lila, também sapateiro.

Rino também se chamará o filho de Lila.

A família Greco (família do contínuo):

Elena Greco, chamada *Lenuccia* ou *Lenù*. A primogênita, depois dela *Peppe*, *Gianni* e *Elisa*.

O pai trabalha como contínuo na prefeitura.

A mãe, dona de casa.

A família Carracci (família de dom Achille):

Dom Achille Carracci, o ogro das fábulas.

Maria Carracci, mulher de dom Achille.

Stefano Carracci, filho de dom Achille, salsicheiro na charcutaria da família.

Pinuccia e *Alfonso Carracci*, os outros dois filhos de dom Achille.

A família Peluso (família do marceneiro):

Alfredo Peluso, marceneiro.

Giuseppina Peluso, mulher de Alfredo.

Pasquale Peluso, filho de Alfredo e Giuseppina, pedreiro.

Carmela Peluso, também conhecida como *Carmen*, irmã de Pasquale, vendedora em um armário.

Outros filhos.

A família Cappuccio (família da viúva louca):

Melina, prima da mãe de Lila, viúva louca.

O marido de Melina, que descarregava caixas no mercado de hortifrúti.

Ada Cappuccio, filha de Melina.

Antonio Cappuccio, irmão dela, mecânico.

Outros filhos.

A família Sarratore (família do ferroviário-poeta):

Donato Sarratore, fiscal de trem.

Lidia Sarratore, mulher de Donato.

Nino Sarratore, o mais velho dos quatro filhos do casal.
Marisa Sarratore, filha de Donato e Lidia.
Pino, Clelia e Gianni Sarratore, os filhos mais novos do casal.

A família Scanno (família do verdureiro):

Nicola Scanno, verdureiro.
Assunta Scanno, mulher de Nicola.
Enzo Scanno, filho de Nicola e Assunta, também verdureiro.

A família Solara (família do dono do bar-confeitaria de mesmo nome):

Silvio Solara, proprietário do bar-confeitaria.
Manuela Solara, mulher de Silvio.
Marcello e Michele Solara, filhos de Silvio e Manuela.

A família Spagnuolo (família do confeitoiro):

Seu Spagnuolo, confeitoiro do bar-confeitaria Solara.
Rosa Spagnuolo, mulher do confeitoiro.
Gigliola Spagnuolo, filha do confeitoiro.
Outros filhos.

Gino, o filho do farmacêutico.

Os professores:

Ferraro, docente e bibliotecário.
Oliviero, professora.
Gerace, professor do ginásio.
Galiani, professora do liceu.

Nella Incardo, prima da professora Oliviero, de Ischia.

PRÓLOGO

Apagar os vestígios

1.

Hoje de manhã Rino me ligou, pensei que ele quisesse mais dinheiro e me preparei para negar. No entanto o motivo da chamada era outro: a mãe dele tinha desaparecido.

“Desde quando?”

“Faz duas semanas.”

“E só agora você me liga?”

O tom deve ter parecido hostil, embora eu não estivesse chateada ou indignada, era apenas uma ponta de sarcasmo. Ele tentou contestar, mas de modo confuso, embaraçado, misturando o dialeto com o italiano. Disse que tinha certeza de que a mãe estava passeando em Nápoles, como de costume.

“Inclusive à noite?”

“Você sabe como ela é.”

“Eu sei, mas você acha normal duas semanas de ausência?”

“Acho. Faz muito tempo que você não a vê, ela deu uma piorada: nunca dorme, entra, sai, faz o que bem entende.”

O fato é que agora ele estava preocupado. Perguntara a todo mundo, passara por todos os hospitais, estivera até na polícia. Nada, a mãe não estava em lugar nenhum. Que bom filho: um homem grande, de seus quarenta anos, que nunca trabalhou na vida, apenas transações e gastanças. Imaginei com quanto cuidado ele fez suas buscas. Nenhum. Não tinha cabeça, e em seu coração só havia ele.

“Por acaso ela está com você?”, indagou de repente.

Sua mãe? Aqui em Turim? Ele bem sabia como iam as coisas, perguntava só por perguntar. Ele, sim, é que era um viajante, viera à minha casa pelo menos umas dez vezes, e sem ser convidado. Quanto à mãe dele, eu a teria acolhido de bom grado: ela nunca saíra de Nápoles na vida. Respondi:

“Não, ela não está comigo.”

“Tem certeza?”

“Rino, por favor: já lhe disse que não está.”

“Mas para onde ela foi?”

Então começou a chorar, e eu o deixei fazer sua cena de desespero,

soluções que começavam fingidos e prosseguiam verdadeiros. Quando terminou, disse a ele:

“Por favor, pelo menos uma vez, comporte-se como ela gostaria: não a procure.”

“O que você disse?”

“Disse isso mesmo. É inútil. Aprenda a viver por sua própria conta, e também não me procure.”

Desliguei.

2.

A mãe de Rino se chama Raffaella Cerullo, mas todos sempre a chamaram de Lina. Eu, não, nunca usei nem o primeiro nem o segundo nome. Há quase sessenta anos, para mim ela é Lila. Se a chamasse de Lina ou de Raffaella, assim, de repente, ela acharia que nossa amizade acabou.

Faz pelo menos trinta anos que ela me diz que quer sumir sem deixar rastro, e só eu sei o que isso quer dizer. Nunca teve em mente uma fuga, uma mudança de identidade, o sonho de refazer a vida noutra lugar. E jamais pensou em suicídio, incomodada com a ideia de que Rino tivesse de lidar com seu corpo, cuidar dele. Seu objetivo sempre foi outro: queria volatilizar-se, queria dissipar-se em cada célula, e que ninguém encontrasse o menor vestígio seu. E, como a conheço bem – ou pelo menos acho que conheço –, tenho certeza de que encontrou o meio de não deixar sequer um fio de cabelo neste mundo, em lugar nenhum.

3.

Os dias passaram. Chequei o correio eletrônico, a correspondência em papel, mas sem esperança. Escrevi muitas vezes a ela; ela quase nunca respondeu: este sempre foi o costume. Preferia o telefone ou as longas noites de conversa quando eu ia a Nápoles.

Abri minhas gavetas, as caixas de metal onde guardava coisas de todo tipo. Poucas. Tinha jogado fora muita coisa, especialmente o que dizia respeito a ela, e ela sabia disso. Descobri que não tenho nada dela, nem uma imagem, um bilhete, uma lembrancinha. Eu mesma fiquei surpresa. Será possível que em todos esses anos ela não me tenha deixado nada de seu ou,

pior, que eu não tenha querido guardar nada dela? É possível.

Desta vez fui eu que liguei para Rino, e o fiz a contragosto. Não respondia nem no fixo, nem no celular. À noite ele me ligou, sem pressa. A voz era de quem buscava estimular um sentimento de pena.

“Vi que você ligou. Tem notícias?”

“Não. E você?”

“Nenhuma.”

Me disse coisas sem sentido. Queria ir à tv, um programa que trata de gente desaparecida, fazer um apelo, pedir perdão à mãe por tudo, implorar que voltasse.

Fiquei ouvindo pacientemente e então perguntei:

“Você olhou no armário dela?”

“Para quê?”

Naturalmente nunca lhe ocorrera a coisa mais óbvia.

“Vá lá ver.”

Ele foi e se deu conta de que não havia nada lá, nenhuma das roupas da mãe, nem de verão nem de inverno, apenas velhos cabides. Depois o mandei procurar pela casa. Os sapatos tinham sumido. Sumiram os poucos livros. Sumiram todas as fotos, e também os filmes caseiros. Sumiram o computador e até os velhos disquetes que se usavam antigamente, tudo, cada detalhe de sua vida de bruxa eletrônica, que começara a exercitar-se com calculadoras já no fim dos anos 1960, na época das fichas perfuradas. Rino estava espantado. Então eu disse a ele:

“Tome o tempo que quiser, mas depois ligue e me diga se achou alguma coisa dela, nem que seja um alfinete.”

Ele me ligou no dia seguinte, muito agitado.

“Não encontrei nada.”

“Nada de nada?”

“Não. Recortou todas as fotos em que aparecíamos juntos, até as de quando eu era menino.”

“Você procurou bem?”

“A casa toda.”

“Inclusive no porão?”

“A casa toda, já disse. Até a caixa de documentos sumiu: certidões de nascimento velhas, contratos telefônicos, boletos. O que significa isso? Alguém roubou tudo? O que estão procurando? O que querem de minha mãe e de mim?”

Tratei de acalmá-lo, disse que ficasse tranquilo. Era pouco provável que alguém quisesse alguma coisa, especialmente dele.”

“Posso passar um tempo em sua casa?”

“Não.”

“Por favor, não estou conseguindo dormir.”

“Vire-se, Rino, não posso ajudar.”

Desliguei e, quando ele tornou a chamar, não atendi. Fui me sentar à escrivaninha.

Como sempre Lila exagerou, pensei.

Estava extrapolando o conceito de vestígio. Queria não só desaparecer, mas também apagar toda a vida que deixara para trás.

Fiquei muito irritada.

Vamos ver quem ganha desta vez, disse a mim mesma. Liguei o computador e comecei a escrever cada detalhe de nossa história, tudo o que me ficou na memória.

INFÂNCIA

História de dom Achille

1.

Foi quando Lila e eu decidimos subir pela escada escura que levava, degrau a degrau, patamar a patamar, até a porta do apartamento de dom Achille que nossa amizade começou.

Recordo a luz violeta do pátio, os cheiros de uma tardinha tépida de primavera. As mães estavam preparando o jantar, era hora de voltar para casa, mas a gente se atrasava, submetendo-se por desafio, sem dizer uma palavra, a provas de coragem. Há algum tempo, dentro e fora da escola, não fazíamos outra coisa. Lila enfiava a mão e todo o braço na boca escura de um bueiro, e eu fazia o mesmo logo em seguida, com o coração aos pulos, esperando que as baratas não corressem por minha pele e os ratos não me mordessem. Lila trepava na janela térrea de dona Spagnuolo, se pendurava na barra de ferro onde passava o fio de estender panos, se balançava e então deixava o corpo cair na calçada, e eu logo fazia a mesma coisa, mesmo temendo cair de mau jeito e me machucar. Lila enfiava sob a pele a agulha enferrujada que achara na rua não sei quando, mas que trazia sempre no bolso como se fosse o presente de uma fada; eu observava a ponta de metal escavando um túnel esbranquiçado em sua palma e, depois, quando ela a extraía e passava para mim, eu fazia o mesmo.

A certa altura me lançou um de seus olhares, firme, com os olhos apertados, e rumou para o prédio onde dom Achille morava. Fiquei gelada de medo. Dom Achille era o ogro das fábulas, e eu estava terminantemente proibida de me aproximar dele, falar com ele, olhá-lo, espiá-lo: devia agir como se ele e sua família não existissem. Em minha casa, mas não só, havia em relação a sua figura um temor e um ódio que eu não sabia de onde vinham. Meu pai o mencionava de um modo que o imaginei enorme, cheio de bexigas roxas, furioso apesar do “dom”, que me sugeria uma autoridade plácida. Era um ser feito de não sei que material, ferro, vidro, urtiga, mas vivo, vivo e com uma respiração quentíssima que lhe saía do nariz e da boca. Acreditava que bastaria avistá-lo de longe para que me lançasse nos olhos algo pungente e escaldante. E, se eu fizesse a loucura de passar perto da porta de sua casa, ele me mataria.

Esperei um pouco para ver se Lila pensava melhor e desistia daquilo. Eu sabia o que ela pretendia fazer, esperei inutilmente que ela se esquecesse, mas não. As luminárias ainda estavam apagadas, assim como a luz das escadas. Das casas chegavam vozes nervosas. Para segui-la eu precisava deixar o azulado do pátio e entrar no escuro do portão. Quando finalmente me decidi, no início não vi mais nada, só senti um cheiro de coisa velha e de DDT. Depois me habituei ao escuro e notei Lila sentada no primeiro degrau do primeiro lance. Ela se levantou, e começamos a subir.

Avançamos coladas à parede, ela dois degraus à frente, eu, dois degraus atrás e indecisa entre encurtar a distância ou deixá-la aumentar. Ficou-me a impressão do ombro que raspava contra o muro descascado e a ideia de que os degraus eram muito altos, mais altos que os do prédio onde eu morava. Eu tremia. Cada rumor de passos, cada voz, era dom Achille que vinha às nossas costas ou nos afrontava com uma longa faca, daquelas de degolar galinhas. Havia um odor de alho frito. Maria, a mulher de dom Achille, me meteria na panela com óleo fervente, os filhos me comeriam, ele me chuparia a cabeça como meu pai fazia com as trilhas.

Paramos várias vezes, e em todas elas esperei que Lila resolvesse voltar atrás. Eu estava muito suada, ela, não. De vez em quando olhava para o alto, mas eu não entendia para que, via-se apenas o cinza dos janelões a cada patamar. As luzes se acenderam de repente, mas tênues, embaçadas, deixando amplas zonas de sombra cheias de perigos. Esperamos para entender se foi dom Achille que girou o interruptor, mas não ouvimos nada, nem passos nem porta abrindo ou fechando. Depois Lila prosseguiu, e eu, atrás.

Ela considerava estar fazendo uma coisa justa e necessária, eu me esquecera de qualquer boa razão e certamente só estava ali porque ela também estava. Subimos lentamente rumo ao pior de nossos terrores de então, íamos nos expor ao medo e interrogá-lo.

No quarto lance, Lila comportou-se de modo inesperado. Parou, esperou que eu me aproximasse e, quando a alcancei, me deu a mão. Esse gesto mudou tudo entre nós, para sempre.

2.

A culpa era dela. Num tempo não muito distante – dez dias, um mês, quem sabe, na época ignorávamos tudo sobre o tempo –, ela pegara minha boneca traiçoeiramente e a jogara no fundo de um porão. Agora estávamos subindo

juntas em direção ao medo, antes nos sentíamos obrigadas a descer, correndo, rumo ao desconhecido. Para o alto, para baixo, parecia que sempre estávamos indo ao encontro de algo terrível que, mesmo existindo antes de nós, era a nós e sempre a nós que aguardava. Quando se está no mundo há pouco tempo, é difícil entender que desastres estão na origem do nosso sentimento de desastre, talvez nem se sinta a necessidade de compreender. Os grandes, à espera de amanhã, se movem num presente atrás do qual há o ontem ou o anteontem ou no máximo a semana passada: não querem pensar no resto. Os pequenos não sabem o significado do ontem, do anteontem, nem de amanhã, tudo é isto, agora: a rua é esta, o portão é este, as escadas são estas, esta é a mamãe, este é o papai, este é o dia, esta, a noite. Eu era pequena e, no fim das contas, minha boneca sabia mais que eu. Eu falava com ela, ela, comigo. Tinha uma cara de celuloide com cabelos de celuloide e olhos de celuloide. Usava um vestidinho azul que minha mãe costurara num raro momento feliz e era linda. Já a boneca de Lila tinha um corpo de pano amarelado, cheio de serragem, e me parecia feia e suja. As duas se espreitavam, se mediam, estavam prontas a fugir de nossos braços se viesse um temporal, se trovejasse, se alguém maior e mais forte e de dentes afiados as quisesse agarrar.

Brincávamos no pátio, mas como se não brincássemos juntas. Lila se sentava no chão, ao lado da janelinha de um subsolo, e eu, do outro lado. A gente gostava daquele lugar, sobretudo porque podíamos colocar no cimento, entre as barras da abertura, contra a grade, tanto as coisas de Tina, minha boneca, quanto as de Nu, a boneca de Lila. Púnhamos pedras, tampas de refrigerante, florzinhas, pregos, cacos de vidro. O que Lina dizia a Nu, eu escutava e repetia em voz baixa a Tina, mas com pequenas modificações. Se ela pegava uma tampa e a colocava na cabeça da boneca como se fosse um chapéu, eu dizia à minha, em dialeto: Tina, ponha sua coroa de rainha, senão vai ficar com frio. Se Nu brincava de amarelinha nos braços de Lila, pouco depois eu fazia Tina agir do mesmo modo. Mas ainda não participávamos de uma mesma brincadeira nem jogávamos juntas. Até o local escolhíamos sem combinar. Lila ia para lá e eu ficava circulando, fingindo ir a outro lugar. Depois, na maior naturalidade, eu também me sentava em frente ao respiradouro, mas do lado oposto.

O que mais nos atraía era o ar frio do subsolo, um sopro que nos refrescava na primavera e no verão. Depois gostávamos das barras com as teias de aranha, do escuro e da grade cerrada que, coberta de ferrugem, se

retorcida tanto no meu lado quanto no de Lila, criando duas frestas paralelas pelas quais podíamos deixar cair pedrinhas na escuridão e ouvir o barulho que faziam ao bater no piso. Era belo e assustador, como qualquer coisa então. Através dessas aberturas, o escuro podia tomar nossas bonecas de repente, às vezes seguras em nossos braços, noutras, postas de propósito ao lado da grade retorcida e, assim, expostas ao bafo frio do porão, aos rumores ameaçadores que vinham de lá, aos chiados, estalos, rangidos.

Nu e Tina não eram felizes. Os terrores que saboreávamos todos os dias eram os mesmos delas. Não nos fiávamos na luz sobre as pedras, sobre os edifícios, o campo, sobre as pessoas de fora e de dentro das casas. Intuíamos seus cantos sombrios, os sentimentos represados e sempre a ponto de explodir. E atribuíamos a essas bocas escuras, às cavernas que além se abriam sob os prédios do bairro, tudo o que nos aterrorizava à luz do dia. Dom Achille, por exemplo, estava não só em seu apartamento no último andar, mas também ali embaixo, aranha entre aranhas, rato entre ratos, uma forma que assumia todas as formas. Eu o imaginava de boca aberta, com suas longas presas de fera, corpo de pedra reluzente e ervas venenosas, sempre pronto a recolher numa enorme bolsa preta tudo o que deixávamos cair dos cantos desguarnecidos das grades. Aquela bolsa era um traço fundamental de dom Achille, sempre com ela, até em casa, na qual metia matéria viva e morta.

Lila sabia que eu tinha medo disso, minha boneca o expressava em voz alta. Por isso mesmo, justamente no dia em que, só com olhares e gestos, sem sequer combinarmos nada, trocamos pela primeira vez nossas bonecas, ela, assim que recebeu Tina, a empurrou para além da grade, deixando-a cair na escuridão.

3.

Lila apareceu em minha vida no primeiro ano do fundamental e me impressionou logo, porque era muito levada. Éramos todas meio levadas naquela turma, mas apenas quando a professora não podia nos ver. No entanto ela era levada sempre, pior que os meninos. Uma vez reduziu a pedacinhos o mata-borrão, meteu os fragmentos um por um no buraco do tinteiro e então começou a pescá-los com a caneta e a atirá-los na gente. Fui tingida duas vezes nos cabelos e uma no colete branco. A professora gritou como só ela sabia fazer, com uma voz de agulha, longa e pontiaguda, que nos

aterrorizava, e a mandou direto para o castigo, atrás da lousa. Lila não obedeceu nem se mostrou assustada, ao contrário, continuou atirando a esmo pedacinhos de papel molhados de tinta. Então a professora Oliviero, uma senhora corpulenta, que nos parecia muito velha, embora devesse ter pouco mais de quarenta, desceu da cátedra a ameaçá-la, tropeçou não se sabe bem onde, não conseguiu se equilibrar e foi bater com a cara na quina de um banco. Ficou estirada no pavimento, parecendo morta.

O que aconteceu em seguida eu não lembro, recordo apenas o corpo imóvel da professora, uma trouxa escura, e Lila a observá-la com o rosto sério.

Lembro-me de muitos incidentes desse tipo. Vivíamos em um mundo em que crianças e adultos frequentemente se feriam, o sangue escorria das chagas, que depois supuravam e às vezes se acabava morrendo. Uma das filhas de dona Assunta, a verdureira, se ferira num prego e morrera de tétano. O filho menor de dona Spagnuolo morrera de crupe na garganta. Um primo meu de vinte anos saiu de manhã para remover uns escombros e à tarde morreu esmagado, com sangue saindo pelas orelhas e pela boca. O pai de minha mãe morreu porque estava construindo um prédio e caiu lá de cima. O pai de seu Peluso não tinha um braço, foi um torno que o arrancou de surpresa. A irmã de Giuseppina, mulher de seu Peluso, morreu de tuberculose aos vinte e dois anos. O filho mais velho de dom Achille – eu nunca o vira, mas tinha a impressão de me lembrar dele – foi para a guerra e morreu duas vezes: a primeira, afogado no oceano Pacífico; a segunda, devorado pelos tubarões. Toda a família Melchiorre morrera abraçada, gritando de medo, sob um bombardeio. A solteirona Clorinda morreu respirando gás em vez de ar. Giannino, que estava na quarta série quando nós estávamos na primeira, tinha morrido porque um dia achou uma bomba e tocou nela. Luigina, com quem brincávamos no pátio – ou talvez não, era só um nome – morreu de tifo exantemático. Nosso mundo era assim, cheio de palavras que matavam: crupe, tétano, tifo exantemático, gás, guerra, torno, escombros, trabalho, bombardeio, bomba, tuberculose, supuração. Atribuo os medos inumeráveis que me acompanharam por toda a vida a esses vocábulos e àqueles anos.

Também se podia morrer de coisas que pareciam normais. Podia-se morrer, por exemplo, se você suasse e depois bebesse água fria da torneira sem antes ter molhado os pulsos: o que acontecia era que você era coberto de pintinhas vermelhas, começava a tossir e então parava de respirar. Você podia morrer se comesse cerejas pretas sem cuspir o caroço. Podia morrer se

mascasse chiclete americano e o engolisse por distração. Podia morrer principalmente se levasse uma pancada na têmpora. A têmpora era um ponto fragilíssimo, estávamos todas muito atentas a ela. Bastava uma pedrada, e as pedradas eram a norma. Na saída da escola um bando de meninos do campo, liderado por um que se chamava Enzo ou Enzuccio, um dos filhos de Assunta, a verdureira, começou a nos atirar pedras. Sentiam-se ofendidos pelo fato de que éramos melhores do que eles. Quando as pedras choviam, todas escapávamos, mas Lila não, continuava caminhando com o passo regular e às vezes até parava. Ela era muito boa em decifrar a trajetória das pedras e desviar-se delas com um movimento calmo, hoje eu diria elegante. Tinha um irmão mais velho e talvez tenha aprendido com ele, não sei; eu também tinha irmãos, mas mais novos que eu, e deles não aprendi nada. Porém, quando percebia que ela havia ficado para trás, mesmo sentindo muito medo, eu parava para esperá-la.

Na época já havia algo que me impedia de abandoná-la. Não a conhecia bem, nunca tínhamos trocado uma palavra, mesmo competindo continuamente entre nós, na classe e fora dela. Mas eu sentia confusamente que, se tivesse fugido com as outras meninas, lhe teria deixado algo de meu que ela nunca mais me devolveria.

No início eu ficava escondida atrás de uma esquina, espichando-me para ver se Lila chegava. Depois, vendo que ela não se movia, me forçava a alcançá-la, passava-lhe umas pedras, atirava-as eu também. Mas o fazia sem convicção, fiz muitas coisas em minha vida, mas jamais convicta, sempre me senti um tanto descolada de minhas próprias ações. Ao contrário, Lila desde pequena tinha – agora não saberia dizer se já aos seis ou sete anos, ou quando subimos juntas as escadas para a casa de dom Achille, dos oito para os nove – a marca da decisão absoluta. Quer empunhasse a haste tricolor da caneta, uma pedra ou o corrimão de escadas escuras, ela passava a ideia de que, não importa o que acontecesse – cravar com um arremesso preciso a ponta da caneta na madeira do banco, disparar bolinhas molhadas de tinta, atingir os meninos do campo, subir até a porta de dom Achille –, ela o faria sem hesitar.

O bando vinha da plataforma da ferrovia, catando pedras entre os trilhos. Enzo, o líder, era um menino muito perigoso, uns três anos mais velho que nós, repetente, de cabelos louros curtíssimos e olhos claros. Atirava com precisão pequenas pedras de arestas cortantes, e Lila aguardava seus arremessos para mostrar-lhe como se desviava deles, irritando-o ainda mais e respondendo de pronto com arremessos igualmente perigosos. Certa vez o

acertamos no tornozelo direito, e digo acertamos porque fui eu que passei a Lila uma pedra chata, de borda toda lascada. A pedra raspou sobre a pele de Enzo feito uma lâmina, deixando uma mancha vermelha da qual logo correu sangue. O menino olhou a perna ferida, posso vê-lo diante de meus olhos: entre o polegar e o indicador, tinha um pedra pronta para atirar, o braço já erguido para o arremesso, e no entanto se deteve, espantado. Os outros meninos sob seu comando olharam o sangue, sem acreditar. Já Lila não demonstrou a mínima satisfação pelo bom êxito do tiro e se abaixou para recolher outra pedra. Eu a tomei pelo braço, foi nosso primeiro contato, um contato brusco e assustado. Senti que o bando se tornaria ainda mais feroz, queria que fugíssemos. Mas não houve tempo. Apesar do tornozelo ferido, Enzo se refez do espanto e lançou a pedra que tinha na mão. Eu ainda estava segurando Lila quando a pedrada a atingiu na testa, arrancando-a de mim. Um instante depois estava estendida no passeio, com a cabeça quebrada.

4.

Sangue. Em geral, escorria das feridas só depois de uma troca de maldições terríveis e obscenidades lamentáveis. Seguia-se sempre essa sequência. Meu pai, que até me parecia um bom homem, lançava continuamente insultos e impropérios se alguém, como ele dizia, não era digno de estar na face da terra. Implicava sobretudo com dom Achille. Tinha sempre algo a criticar, e às vezes eu tapava os ouvidos para não ficar muito impressionada com seus palavrões. Quando falava a seu respeito com minha mãe, o chamava de “seu primo”, mas ela logo negava o laço de sangue (havia um parentesco muito distante), enquanto ele redobrava a dose de insultos. Eu me assustava com esses rompantes e tinha um medo especial de que dom Achille pudesse ter ouvidos aguçados o bastante para perceber os insultos a tão grande distância. Temia que viesse trucidá-los.

De todo modo, o inimigo jurado de dom Achille não era meu pai, mas o senhor Peluso, um excelente marceneiro que estava sempre sem dinheiro, porque jogava tudo o que ganhava nos fundos do bar Solara. Peluso era pai de uma colega nossa de escola, Carmela, e também de Pasquale, que era maior, além de outros dois filhos, meninos mais pobres que nós, com os quais eu e Lila brincávamos de vez em quando e que, na escola e fora dela, tentavam roubar nossas coisas, caneta, borracha, marmelada, tanto que voltavam para casa cheios de roxos por causa das surras que lhes dávamos.

As vezes em que cruzávamos com ele, seu Peluso parecia a imagem acabada do desespero. De um lado, perdia tudo no jogo, de outro, arrancava os cabelos em público porque já não sabia como alimentar a família. Por razões obscuras, atribuía a dom Achille a própria ruína. Acusava-o de ter pegado à traição, como se seu corpo tenebroso fosse um enorme ímã, todas as ferramentas da marcenaria, acabando com sua oficina. Acusava-o ainda de lhe ter tomado a oficina, transformando-a numa charcutaria. Durante anos imaginei o alicate, a serra, o torquês, o martelo, a tenaz e milhares e milhares de pregos sugados em forma de enxame metálico para dentro da matéria que compunha dom Achille. Por anos vi sair de seu corpo, informe e pesado de materiais heterogêneos, salames, provolones, mortadelas, banhas e presuntos, sempre em forma de enxame.

Fatos ocorridos em tempos sombrios. Dom Achille deve ter se manifestado em toda sua monstruosa natureza antes que nós nascêssemos. *Antes*. Lila usava frequentemente essa fórmula, na escola e fora dela. Mas parecia não se importar tanto com o que tinha acontecido antes de nós – eventos em geral obscuros, sobre os quais os adultos se calavam ou se pronunciavam com muita reticência –, e sim com o fato de ter havido um antes. Era isso que na época a deixava perplexa e às vezes até nervosa. Quando ficamos amigas, me falou tanto daquela coisa absurda – *antes de nós* – que terminou passando o nervosismo para mim. Era o tempo longo, longuíssimo, em que não existíamos; o tempo em que dom Achille se mostrara a todos como de fato era: um ser malvado, de incerta fisionomia animal-mineral, que – parece – tirava o sangue dos outros enquanto nenhuma gota saía dele; aliás, talvez nem fosse possível arranhá-lo.

Estávamos no segundo ano do fundamental, acho, e ainda nem nos falávamos quando correu a notícia que, bem em frente à igreja da Sagrada Família, na saída da missa, seu Peluso tinha começado a gritar de raiva contra dom Achille, e dom Achille deixou o filho maior, Stefano, Pinuccia, Alfonso, que era de nossa idade, a esposa e, mostrando-se por um instante em sua forma mais assustadora, lançou-se contra Peluso, o ergueu e o atirou contra uma árvore do jardim, abandonando-o ali, desacordado, com o sangue a lhe escorrer de mil feridas na cabeça e em todo o corpo, sem que o coitado ao menos pudesse dizer: me ajudem.

Não tenho saudade de nossa infância cheia de violência. Acontecia-nos de tudo, dentro e fora de casa, todos os dias, mas não me lembro de jamais ter pensado que a vida que nos coubera fosse particularmente ruim. A vida era assim e ponto final, crescíamos com a obrigação de torná-la difícil aos outros antes que os outros a tornassem difícil para nós. Claro, eu teria gostado dos modos gentis que a professora e o pároco defendiam, mas sentia que aqueles modos não eram adequados a nosso bairro, mesmo para quem era do sexo feminino. As mulheres brigavam entre si mais do que os homens, se pegavam pelos cabelos, se machucavam. Fazer mal era uma doença. Desde menina imaginei animaizinhos minúsculos, quase invisíveis, que vinham de noite ao bairro, saíam dos poços, dos vagões de trem abandonados para lá da plataforma, do mato malcheiroso chamado fedentina, das rãs, das salamandras, das moscas, das pedras, da terra e entravam na água, na comida e no ar, deixando nossas mães e avós raivosas como cadelas sedentas. Estavam mais contaminadas que os homens, porque estes ficavam furiosos continuamente, mas no fim se acalmavam, ao passo que as mulheres, que eram aparentemente silenciosas, conciliadoras, quando se enfureciam iam até o fundo de sua raiva, sem jamais parar.

Lila ficou muito marcada pelo que aconteceu com Melina Cappuccio, uma parente da mãe dela. E eu também. Melina morava no mesmo prédio de meus pais, nós, no segundo andar, ela, no terceiro. Tinha pouco mais de trinta anos e seis filhos, mas nos parecia uma velha. O marido, da mesma idade, descarregava caixas no mercado de hortifrúti. Lembro-me dele baixo e largo, mas bonito, com um rosto altivo. Certa noite, saiu de casa como de costume e morreu talvez assassinado, ou de cansaço. O enterro foi tristíssimo, e lá estava todo o bairro, até meus pais, até os pais de Lila. Depois o tempo passou, e quem sabe o que houve com Melina. Por fora continuou a mesma, uma mulher seca com um grande nariz, os cabelos já grisalhos, a voz aguda que à noite chamava os filhos da janela, um a um, por nome, com sílabas alongadas por um desespero raivoso: Aaa-daaa, Miii-cheee. No início foi muito ajudada por Donato Sarratore, que vivia no apartamento acima do seu, no quarto e último andar. Donato era um assíduo frequentador da paróquia da Sagrada Família e, como bom cristão, se desdobrou por ela, recolhendo dinheiro, roupas, sapatos usados e colocando Antonio, o filho mais velho, na oficina de Gorresio, um conhecido seu. Melina ficou tão agradecida que a gratidão, em seu peito de mulher desolada, se transformou em amor, em paixão. Não se sabe se Sarratore algum dia se deu conta disso. Era um

homem gentilíssimo, mas muito sério, casa, igreja e trabalho, fazia parte dos fiscais das Ferrovias do Estado, tinha um salário fixo com o qual sustentava dignamente a esposa, Lidia, e quatro filhos, o mais velho chamado Nino. Quando não estava em viagem no trecho da linha Nápoles-Paola, dedicava-se a consertar isso e aquilo na casa, a fazer compras, a levar o filho mais novo para passear de carrinho. Coisas muito anormais no bairro. Ninguém pensava que Donato se doasse daquele jeito para aliviar os afazeres da esposa. Não: todos os homens dos prédios vizinhos, meu pai à frente, o consideravam um sujeito que gostava do papel de mulher, tanto mais que ele também escrevia poemas, lendo-os de bom grado a qualquer um. Ninguém pensava o contrário, nem mesmo Melina. A viúva preferiu achar que ele, por gentileza de alma, tivesse sido subjugado pela mulher, e por isso decidiu combater Lidia Sarratore ferozmente a fim de libertá-lo e permitir que ele se unisse estavelmente a ela. No início, a guerra entre as duas me pareceu divertida, e tanto em minha casa quanto na vizinhança se falava do assunto com risadas maldosas. Lidia estendia os lençóis recém-lavados e Melina subia de pé no parapeito para sujá-los com uma vara que ela queimara, de propósito, na ponta; Lidia passava debaixo da janela e ela cuspiam em sua cabeça, ou lhe jogava em cima um balde de água suja; Lidia fazia barulho de dia correndo no assoalho acima de sua cabeça, atrás dos filhos endiabrados, e ela se encarniçava a noite inteira batendo no teto com o cabo do esfregão. Sarratore tentou estabelecer a paz de todas as maneiras, mas era um homem sensível demais, gentil demais. Assim, de desaforo em desaforo, as duas mulheres começaram a se xingar sempre que se cruzavam na rua ou pelas escadas, palavras duras, ferozes. Foi a partir daí que comecei a ficar com medo. Uma das tantas cenas terríveis de minha infância se inicia com os gritos de Melina e de Lidia, com as ofensas que se lançam das janelas e depois nas escadas; continua com minha mãe, que se precipita pela porta de casa e surge no patamar da escada, seguida por nós, crianças; e termina com a imagem, para mim ainda hoje insuportável, das duas vizinhas rolando agarradas pelos degraus, a cabeça de Melina batendo no piso do patamar, a poucos centímetros dos meus sapatos, como um melão branco que escapou das mãos.

É difícil explicar por que nós, meninas, torcíamos na época por Lidia Sarratore. Talvez porque tivesse traços regulares e cabelos louros. Ou porque Donato era marido dela, e tínhamos entendido que Melina o queria para si. Ou porque os filhos de Melina eram sujos e maltrapilhos, enquanto os de Lidia eram lavados, bem penteados, e o primeiro, Nino, que tinha uns anos a

mais que nós, era bonito, gostávamos dele. Somente Lila pendia para Melina, mas nunca nos disse por quê. Disse apenas, em certa ocasião, que se Lidia Sarratore acabasse morta, era bem feito para ela, e eu pensei que ela achava isso em parte porque tinha a maldade na alma, em parte porque ela e Melina eram parentes distantes.

Um dia estávamos voltando da escola, éramos quatro ou cinco meninas. Entre nós estava Marisa Sarratore, que nos acompanhava com frequência não porque nos fosse simpática, mas porque esperávamos que, por intermédio dela, pudéssemos entrar em contato com seu irmão mais velho, ou seja, Nino. Foi ela quem primeiro notou Melina. A mulher caminhava do outro lado da estrada a passos lentos, levando numa mão um pacote de onde, com a outra, pegava e comia. Marisa a apontou para nós chamando-a de puta, mas sem desprezo, só porque repetia a fórmula que sua mãe usava em casa. Lila, mesmo sendo mais baixa que ela e magérrima, deu-lhe imediatamente uma bofetada tão forte que a derrubou no chão; e o fez a frio, como costumava fazer em todas as situações de violência, sem gritar antes nem depois, sem uma palavra de pré-aviso, sem arregalar os olhos, gélida e decidida.

Primeiro socorri Marisa, que já chorava, e a ajudei a se levantar; depois me virei para ver o que Lila estava fazendo. Tinha descido da calçada para atravessar a estrada e ir até Melina, sem se preocupar com os caminhões que passavam. Vi nela, mais na postura que no rosto, algo que me perturbou e que até hoje sinto dificuldade de definir, tanto que agora me contentarei em dizer o seguinte: embora se movesse cortando a estrada, pequena, sombria, nervosa, embora o fizesse com a habitual determinação, estava imóvel. Imóvel dentro do que a parente de sua mãe estava fazendo, imóvel pela pena, imóvel de sal, como as estátuas de sal. Aderente. Uma coisa só com Melina, que segurava na palma o sabão tenro e escuro recém-comprado na loja de dom Carlo, e com a outra mão o beliscava e o comia.

6.

O dia em que a professora Oliviero caiu da cátedra e bateu a maçã do rosto contra o banco, eu, como já disse, achei que ela tivesse morrido, morta no trabalho assim como meu avô ou o marido de Melina, e conseqüentemente achei que também Lila seria morta pelo castigo terrível que receberia. No entanto, por um período que eu não saberia definir – breve, longo –, não aconteceu nada. Ambas, professora e aluna, se limitaram a desaparecer dos

nossos dias e da memória.

Mas na época tudo era muito surpreendente. A professora Oliviero voltou viva para a escola e começou a ocupar-se de Lila não para castigá-la, como nos teria parecido natural, mas para elogiá-la.

Essa nova fase começou quando a mãe de Lila, dona Cerullo, foi chamada à escola. Certa manhã o bedel bateu na porta e a anunciou. Logo depois entrou Nunzia Cerullo, irreconhecível. Ela, que como a maioria das mulheres do bairro vivia metida em pantufas e velhas roupas puídas, compareceu em traje de cerimônia (casamento, primeira comunhão, crisma, funeral), toda de preto, uma bolsinha preta lustrosa, sapatos de salto que lhe torturavam os pés inchados, e ofereceu à professora dois sacos de papel, um com açúcar e outro com café.

A professora aceitou o presente de bom grado e disse a ela e a toda a classe, fixando Lila que, ao contrário, olhava para o banco, frases cujo sentido geral me desorientou. Estávamos na primeira série da escola fundamental. Estávamos apenas começando a aprender o alfabeto e os números de um a dez. A melhor da turma era eu, sabia reconhecer todas as letras, sabia dizer um dois três quatro etc., era continuamente elogiada pela caligrafia, ganhava os distintivos tricolores que a professora costurava. Apesar de tudo a professora Oliviero, de surpresa, embora Lila a tivesse feito cair, mandando-a para o hospital, disse que a melhor da classe era ela. É verdade que era a mais malcriada. É verdade que tinha feito aquela coisa terrível de atirar pedaços de mata-borrão sujos de tinta em todos. É verdade que, se aquela menina não tivesse se comportado com tanta indisciplina, ela, nossa professora, não teria caído da cátedra ferindo a maçã do rosto. É verdade que era forçada a puni-la continuamente com a vara de madeira ou a mandar ajoelhar-se no milho, atrás da lousa. Mas havia um fato que, na condição de mestra e também como pessoa, a enchia de alegria, um fato maravilhoso que descobrira uns dias antes, casualmente.

E aqui ela parou, como se as palavras não lhe bastassem ou como se quisesse ensinar à mãe de Lila e a nós que quase sempre, mais que as palavras, são os fatos que contam. Pegou um pedaço de giz e escreveu no quadro-negro (agora já não lembro o quê, eu ainda não sabia ler: portanto invento a palavra) *sol*. Então perguntou a Lila:

“Cerullo, o que está escrito aqui?”

Na sala fez-se um silêncio cheio de curiosidade. Lila deu um meio sorriso, quase uma careta, e se jogou de lado, em cima de sua colega de

banco, que deu muitos sinais de irritação. Depois leu em tom emburrado:

“Sol.”

Nunzia Cerullo olhou a professora e seu olhar era incerto, quase assustado. A princípio, a professora Oliviero pareceu não entender como era possível que naqueles olhos de mãe não houvesse o mesmo entusiasmo dos seus. Mas depois deve ter intuído que Nunzia não sabia ler, ou que de todo modo não estava segura de que no quadro-negro estivesse mesmo escrito *sol*, e franziu as sobrancelhas. Assim, um pouco para esclarecer a situação para a mãe, um pouco para elogiar nossa colega, disse a Lila:

“Muito bem, está escrito *sol*.”

Em seguida ordenou:

“Venha, Cerullo, venha ao quadro.”

Lila foi ao quadro de má vontade, e a professora lhe estendeu o giz.

“Agora escreva: *gis*.”, disse.

Muito concentrada, com uma grafia trêmula, pondo as letras numa linha irregular, Lila escreveu: *gis*.

A senhora Oliviero trocou o *s* pelo *z* e a mãe, vendo a correção, disse desolada à filha:

“Você errou.”

A professora logo a tranquilizou:

“Não, não, não: Lila precisa se exercitar, isto sim, mas já sabe ler, sabe escrever. Quem lhe ensinou?”

Dona Cerullo disse, de olhos baixos:

“Não fui eu.”

“Mas em sua casa ou no prédio há alguém que pode ter ajudado?”

Nunzia fez energicamente um não com a cabeça.

Então a professora se dirigiu a Lila e, com genuína admiração, perguntou-lhe diante de todos nós:

“Quem a ensinou a ler e escrever, Cerullo?”

Cerullo, pequenina, de olhos e cabelos pretos, vestida de avental, com um laço rosa no pescoço e apenas seis anos de idade, respondeu:

“Eu.”

7.

Segundo Rino, irmão mais velho de Lila, a menina tinha aprendido a ler por volta dos três anos, olhando as letras e as figuras de seu silabário. Enquanto

ele fazia as tarefas, ela se sentava a seu lado na cozinha e aprendia até mais do que ele.

Rino tinha quase seis anos a mais que Lila, era um menino corajoso, que brilhava em todas as brincadeiras do pátio e da rua, especialmente no arremesso de pião. Mas ler, escrever, fazer contas, aprender poesias de cor não eram para ele. Com menos de dez anos, o pai, Fernando, começou a levá-lo todos os dias à sua portinha de sapateiro numa viela além da estrada, a fim de ensinar-lhe o ofício de fazer meias-solas. Nós, meninas, quando o encontrávamos, farejávamos nele o cheiro de pés sujos, de botina velha, de resina, e debochávamos dele, chamando-o de engraxate. Talvez por isso ele se vangloriasse de estar na origem dos talentos da irmã. Mas na verdade ele nunca teve um silabário, nem nunca se sentara um minuto sequer para fazer as tarefas. Portanto é impossível que Lila tivesse aprendido algo com seus esforços escolares. O mais provável é que tenha compreendido o funcionamento do alfabeto graças às folhas de jornal com que os clientes embrulhavam os sapatos velhos, e que certas vezes o pai levava para casa a fim de ler as notícias mais interessantes para a família.

Seja como for, independentemente de as coisas terem acontecido de um modo ou de outro, o dado real era um só: Lila sabia ler e escrever, e desde aquela manhã cinzenta em que a professora fez sua revelação o que me ficou impresso na mente dessa notícia foi sobretudo um sentimento de fraqueza. A escola, desde o primeiro dia, logo me pareceu um lugar bem mais alegre que minha casa. Era o local do bairro em que eu me sentia mais segura, e ia para lá muito emocionada. Prestava atenção nas aulas, executava com o máximo zelo tudo o que me mandavam fazer, aprendia. Mas acima de tudo gostava de agradar à professora, gostava de agradar a todos. Em casa eu era a preferida de meu pai, e meus irmãos também gostavam de mim. O problema era minha mãe, com ela as coisas nunca iam por um bom caminho. Já na época, quando eu tinha pouco mais de seis anos, tinha a impressão de que ela fazia tudo para me mostrar que eu era supérflua em sua vida. Não tinha simpatia por mim, nem eu por ela. Seu corpo me dava repulsa, o que ela provavelmente intuía. Era alourada, íris azuis, opulenta. Mas tinha o olho direito que nunca se sabia para onde olhava. E a perna esquerda também não funcionava direito, ela a chamava de perna machucada. Mancava, e seu passo me inquietava, especialmente à noite, quando não podia dormir e andava pelo corredor, pela cozinha, voltava atrás, recomeçava. Às vezes a escutava esmagar com golpes raivosos do taco as baratas que chegavam à porta de entrada, e a imaginava

com olhos furiosos, como quando implicava comigo.

Com certeza ela não era feliz, os afazeres domésticos a abatiam, e o dinheiro nunca bastava. Irritava-se frequentemente com meu pai, contínuo na prefeitura, gritava-lhe que devia inventar alguma coisa, que assim não era possível seguir adiante. Brigavam. Porém, como meu pai não erguia a voz nem mesmo quando perdia a paciência, eu sempre ficava do lado dele e contra ela, ainda que às vezes ele batesse nela e soubesse ser bastante ameaçador comigo. Foi ele, e não minha mãe, quem me disse no meu primeiro dia de escola: “Lenuccia, seja boa com a professora e nós a manteremos na escola. Mas se não for boa, se não for a melhor, papai precisa de ajuda, e você vai ter de trabalhar”. Aquelas palavras me assustaram muito; no entanto, mesmo tendo sido pronunciadas por ele, as senti como se tivessem sido sugeridas por minha mãe, como se ela as tivesse imposto. Prometi a ambos que seria uma boa aluna. E as coisas correram tão bem desde o início, que a professora frequentemente me dizia:

“Greco, sente aqui perto de mim.”

Era um grande privilégio. Oliviero sempre tinha a seu lado uma cadeira vazia, para onde convidava as melhores, como prêmio. Nos primeiros tempos, eu sentava a seu lado continuamente. Ela me exortava com muitas palavras encorajadoras, elogiava meus cachinhos louros e assim reforçava minha vontade de fazer bem feito: bem ao contrário de minha mãe, que, quando eu estava em casa, tantas vezes me cobria de críticas, e até de insultos, que eu só queria me meter num canto escuro e esperar que não me achasse nunca mais. Depois aconteceu que dona Cerullo veio até nossa classe, e a professora Oliviero nos revelou que Lila estava muito à frente de nós. Não só: chamou mais vezes a ela que a mim para sentar a seu lado. Não sei dizer o que aquele rebaixamento causava dentro de mim, acho difícil, hoje, dizer com fidelidade e clareza o que senti. De início, talvez não tenha sentido nada, só um pouco de ciúme, como todas nós. Mas o certo é que justo naquele período me surgiu uma preocupação. Pensei que, embora minhas pernas funcionassem bem, eu corria o risco permanente de me tornar manca. Acordava com essa ideia na cabeça e me levantava logo da cama, para ver se minhas pernas ainda estavam em ordem. Talvez por isso me tenha fixado em Lila, que tinha pernas magérrimas, ligeiras, sempre em movimento, balançando-as mesmo quando se sentava ao lado da professora, tanto que esta se irritava e a despachava logo para seu lugar. Algo me convenceu, então, de que se eu caminhasse sempre atrás dela, seguindo sua marcha, o passo de

minha mãe, que entrara em minha mente e não saía mais, por fim deixaria de me ameaçar. Decidi que deveria regular-me de acordo com aquela menina e nunca perdê-la de vista, ainda que ela se aborrecesse e me escorraçasse.

8.

É provável que essa tenha sido minha maneira de reagir à inveja, ao ódio, e de sufocá-los. Ou talvez tenha disfarçado assim o sentimento de subalternidade, o fascínio que experimentava. Com certeza me adestrei em aceitar de bom grado a superioridade de Lila em tudo, inclusive seus abusos.

Além disso, a professora se comportou de modo muito perspicaz. É verdade que chamava Lila muitas vezes para se sentar a seu lado, mas parecia fazê-lo mais para amansá-la que premiá-la. De fato, continuou a elogiar Marisa Sarratore, Carmela Peluso e sobretudo a mim. Deixou que eu brilhasse à vontade, me encorajou a ser cada vez mais disciplinada, mais diligente, mais aguda. Quando Lila saía de suas turbulências e me superava sem esforço, Oliviero primeiro me elogiava com moderação e depois passava a exaltar a excelência dela. Sentia mais forte o veneno da derrota quando quem me superava eram Marisa e Carmela. Se, ao contrário, eu ficava em segundo, atrás de Lila, fazia uma expressão mansa de consenso. Acho que naqueles anos só temi uma coisa: não ser mais emparelhada a Lila nas hierarquias estabelecidas pela professora, não ouvir mais a Oliviero dizer com orgulho que “Cerullo e Greco são as melhores”. Se um dia ela dissesse: “as melhores são Cerullo e Sarratore”, ou “Cerullo e Peluso”, eu cairia fulminada. Por isso empenhei todas as minhas energias de menina não para me tornar a primeira da classe – coisa que me parecia impossível conseguir –, mas para não deslizar para o terceiro, o quarto, o último lugar. Dediquei-me ao estudo e a muitas outras coisas difíceis, distantes de mim, só para ficar à altura daquela menina terrível e fulgurante.

Fulgurante para mim. Para os outros alunos, Lila era apenas terrível. Da primeira à quinta série ela foi, por culpa do diretor e um pouco também da professora Oliviero, a menina mais detestada da escola e do bairro.

Pelo menos duas vezes ao ano o diretor obrigava as classes a concorrerem entre si, de modo a identificar os alunos mais brilhantes e, assim, os professores mais competentes. Oliviero gostava dessa competição. Em conflito permanente com seus colegas, com os quais às vezes parecia prestes a se atracar, a professora usava Lila e a mim como prova evidente de

quanto ela era competente, a melhor professora da escola fundamental do nosso bairro. Por isso acontecia de ela frequentemente nos levar para outras turmas, mesmo sem ser solicitada pelo diretor, para nos fazer disputar com outras crianças, meninas e meninos. Na maioria das vezes, era mandada em ação de reconhecimento para sondar o nível de competência do inimigo. Em geral vencia, mas sem exagerar, sem humilhar professores nem alunos. Eu era uma menina de caracóis louros, bonitinha, feliz de me exibir, mas não insolente, e transmitia uma impressão de delicadeza que enternecia. Então, se me mostrava a melhor em recitar poesias, em dizer a tabuada, em multiplicar e dividir, em pontificar que os Alpes eram Marítimos, Cócios, Graios, Peninos etc., os outros professores terminavam por me afagar, e os colegas percebiam o esforço que eu tinha feito para enfiar na cabeça toda aquela maçaroca, e por isso não me odiavam.

O caso de Lila era diferente. Já na primeira série, estava além de qualquer competição possível. Aliás, a professora dizia que, com um pouco de esforço, ela estaria apta a fazer os exames da segunda e, com menos de sete anos, pular para a terceira série. Com o passar do tempo, o abismo cresceu. Lila fazia mentalmente cálculos complicadíssimos, seus ditados não apresentavam um erro sequer, falava sempre em dialeto como todos nós, mas, quando necessário, exibia um italiano livresco, recorrendo até a palavras como *afeito, exuberante, de bom grado*. De modo que, quando a professora a mandava a campo para explicar os modos e os tempos dos verbos, ou resolver problemas matemáticos, qualquer possibilidade de dissimulação ia pelos ares, e os ânimos se exaltavam. Lila era demais para qualquer um.

Além disso, não concedia brechas à benevolência. Reconhecer sua excelência significava para nós, crianças, admitir que nunca a superaríamos e que era inútil competir; para os mestres e professoras, confessar que foram crianças medíocres. Sua rapidez mental lembrava o sibilo, o bote, a mordida letal. E em seu aspecto não havia nada que agisse de corretivo. Estava sempre desgrenhada, suja, com cascas de ferida nos joelhos e cotovelos que nunca saravam. Os olhos grandes e vivíssimos sabiam se transformar em fissuras atrás das quais, antes de qualquer resposta brilhante, havia um olhar que parecia não só pouco infantil, mas talvez nem humano. Todo movimento dela dizia que fazer-lhe mal não serviria para nada, porque, não importa como as coisas saíssem, ela acharia o modo de fazer ainda pior.

Portanto o ódio era tangível, e eu o percebia. Ela era hostilizada tanto pelas meninas quanto pelos meninos, mas por estes mais abertamente. De

fato, por algum motivo secreto, a professora Oliviero gostava de nos levar sobretudo para as classes onde era possível humilhar não tanto alunas e professoras, mas alunos e mestres. E o diretor, por motivos igualmente secretos, favorecia especialmente disputas desse tipo. Em seguida cheguei a pensar que na escola apostavam dinheiro, talvez muito dinheiro, com aqueles nossos encontros. Mas eu estava exagerando: talvez fosse só uma maneira de dar vazão a velhos rancores ou de permitir que o diretor levasse na rédea curta os professores não tão bons ou menos obedientes. O fato é que, certa manhã, nós duas – que na época estávamos na segunda série – fomos levadas simplesmente a uma classe da quarta, a turma do professor Ferraro, onde estavam tanto Enzo Scanno, o filho malvado da verdureira, quanto Nino Sarratore, o irmão de Marisa por quem eu era apaixonada.

Todos conheciam Enzo. Era repetente e, pelo menos umas duas vezes, tinha sido arrastado pelas salas com um cartaz no pescoço onde o professor Ferraro, um homem de cabelos grisalhos cortados à escovinha, comprido e magérrimo, o rosto pequeno e muito marcado, de olhos assustados, tinha escrito *burro*. Já Nino era tão bom, tão dócil, tão silencioso, que era conhecido de todos e querido principalmente por mim. Naturalmente Enzo era um zero à esquerda em matéria de estudos, e ficávamos de olho nele só porque era briguento. Em questão de inteligência, nossos adversários eram Nino e – descobrimos ali, na ocasião – Alfonso Carracci, terceiro filho de dom Achille, um menino muito bem cuidado, também da segunda série, que não parecia ter os sete anos que tinha. Era considerado de fato excelente, e se via que o professor o havia chamado para a quarta série porque confiava mais nele que em Nino, quase dois anos mais velho.

Houve certa tensão entre Oliviero e Ferraro por aquela convocação inesperada de Carracci, mas depois a disputa começou diante das turmas reunidas numa única sala. Fomos questionados sobre os verbos, a tabuada, as quatro operações, primeiro no quadro e depois oralmente. Daquela circunstância especial, três coisas ficaram em minha mente. A primeira é que o pequeno Alfonso Carracci me desbancou logo; ele era calmo e preciso, mas tinha o mérito de não tripudiar do adversário. A segunda é que Nino Sarratore, para surpresa de todos, quase não respondeu às questões, ficou aparvalhado como se não entendesse o que os dois professores perguntavam. A terceira é que Lila enfrentou o filho de dom Achille sem nenhuma vontade, como se não se importasse que o outro pudesse superá-la. A cena só se animou quando passamos aos cálculos de cor, adições, subtrações,

multiplicações e divisões. Apesar do desinteresse de Lila, que às vezes ficava calada como se não tivesse escutado a pergunta, Alfonso começou a perder pontos, errava principalmente as multiplicações e divisões. Por outro lado, se o filho de dom Achille cedia, tampouco Lila se mostrava à altura, e os dois pareciam mais ou menos iguais. Mas a certa altura ocorreu um fato imprevisto. Por duas vezes, quando Lila não respondia ou Alfonso errava, se ouviu cheia de desprezo a voz de Enzo Scanno, que, dos últimos bancos, dizia o resultado correto.

Isso estarreceu a classe, os professores, o diretor, Lila e a mim. Como era possível que alguém como Enzo, preguiçoso, incapaz e delinquente, soubesse fazer cálculos complicados melhor que eu, Alfonso Carracci, Nino Sarratore? De repente, Lila pareceu despertar. Alfonso saiu do jogo rapidamente e, com o consentimento orgulhoso do mestre, que mudou de pronto o contendor, teve início um duelo entre Lila e Enzo.

Os dois travaram um longo combate. A certa altura, o diretor se antecipou ao professor e chamou o filho da verdureira à cátedra, ao lado de Lila. Enzo deixou o banco da última fila com risinhos nervosos, dele e de seus seguidores, mas depois ficou ao lado da lousa, diante de Lila, fechado, incomodado. O duelo continuou com cálculos mentais cada vez mais difíceis. O menino dava o resultado em dialeto, como se estivesse na rua e não numa escola, e o professor corrigia sua dicção, mas a cifra era sempre correta. Enzo parecia muito orgulhoso daquele momento de glória, ele mesmo espantado de como era bom. Então começou a ceder, porque Lila acordara definitivamente e agora exibia aqueles olhos de fresta, muito determinados, respondendo com precisão. Por fim Enzo perdeu. Perdeu, mas sem se resignar. Passou aos xingamentos, gritando obscenidades terríveis. O professor o mandou para trás do quadro-negro, de joelhos, mas ele se recusou a ir. Levou bordoadas nos nós dos dedos e foi arrastado pelas orelhas até o canto do castigo. O dia de escola terminou assim.

Mas desde então o bando dos meninos começou a nos atirar pedras.

9.

Aquela manhã do duelo entre Lila e Enzo é importante em nossa longa história. Ali se iniciaram muitos comportamentos de árdua decifração. Por exemplo, viu-se com clareza que Lila podia, se quisesse, dosar o uso de suas capacidades. Era isso o que tinha feito com o filho de dom Achille. Não só

não quis derrotá-lo, mas também calibrou silêncios e respostas de modo a não ser derrotada. Na época ainda não éramos amigas, e eu não pude perguntar o porquê daquele comportamento. Na verdade não era preciso fazer perguntas, eu era capaz de intuir a razão. Assim como eu, ela também estava proibida de agir mal não só com dom Achille, mas com toda a família dele.

Era assim. Não sabíamos de onde derivava aquele temor-aversão-ódio-complacência que nossos pais manifestavam perante os Carracci e transmitiam a nós, mas ele existia, era um fato assim como o bairro, suas casas desbotadas, o cheiro miserável das escadas, a poeira das ruas. Com toda probabilidade, Nino Sarratore também ficou mudo para permitir que Alfonso desse o melhor de si. Tinha balbuciado umas coisas, bonito, bem penteado, os cílios muito longos, magro e enérgico, e por fim se calara. Para continuar a amá-lo, quis achar que as coisas se deram assim. Mas lá no fundo eu tinha minhas dúvidas. Ele tinha feito uma escolha, como Lila? Não tinha certeza disso. Eu me retirara porque Alfonso era realmente melhor que eu. Lila teria podido derrotá-lo imediatamente, no entanto preferiu ficar empatada. E ele? Houve algo que me confundiu, talvez até magoou: não uma incapacidade dele, nem uma renúncia, mas, hoje eu diria, uma rendição. Aquele balbucio, a palidez, o roxo que de repente lhe comeu os olhos: como estava bonito, tão lânguido, e no entanto como sua languidez me desagradou.

A certa altura Lila também me pareceu belíssima. Em geral a bonita era eu, ela, ao contrário, era seca que nem aliche salgado, emanava um cheiro selvagem, tinha o rosto comprido, estreito nas têmporas, fechado entre duas bandas de cabelos lisos e muito pretos. Porém, quando decidiu deixar para trás tanto Enzo como Alfonso, se iluminou como uma santa guerreira. Subitamente um rubor nas faces que era o sinal de uma labareda vinda de cada canto do corpo, tanto que pela primeira vez pensei: Lila é mais bonita que eu. Então eu era a segunda em tudo. E torci para que ninguém jamais percebesse.

Mas o mais importante daquela manhã foi a descoberta de que uma fórmula que usávamos frequentemente para escaparmos das punições guardava algo de verdadeiro e, portanto, de ingovernável e perigoso. A fórmula era: *não fiz de propósito*. De fato Enzo tinha entrado na disputa em curso não de propósito, e não de propósito derrotara Attilio. Lila tinha derrotado Enzo de propósito, mas não de propósito derrotara também Alfonso e não de propósito o humilhara, tinha sido apenas uma passagem necessária. Os fatos resultantes nos convenceram de que convinha fazer tudo de propósito, premeditadamente, de modo a saber o que se devia esperar.

De fato, o que aconteceu em seguida nos atingiu de modo inesperado. Como quase nada tinha sido feito de propósito, desabou sobre nós uma avalanche de coisas inesperadas, uma atrás da outra. Alfonso voltou para casa aos prantos por causa da derrota. Seu irmão Stefano, de catorze anos, aprendiz de salsicheiro na charcutaria (a ex-oficina do marceneiro Peluso) pertencente a seu pai, mas que nunca punha os pés ali, no dia seguinte veio à escola e disse coisas terríveis a Lila, chegando a ameaçá-la. A certa altura ela lhe disse um insulto muito obscuro, e ele a empurrou contra um muro e tentou agarrar sua língua, gritando que a furaria com uma agulha. Lila voltou para casa e contou tudo a seu irmão Rino, que ficou cada vez mais vermelho e com olhos faiscantes enquanto ela falava. Nesse meio tempo Enzo, enquanto voltava à noite para casa sem seu bando, foi barrado por Stefano e surrado com tapas, socos e pontapés. De manhã, Rino foi procurar Stefano e ambos se pegaram, batendo e apanhando de modo mais ou menos paritário. Dias depois, a mulher de dom Achille, tia Maria, bateu na porta dos Cerullo e ofendeu Nunzia com uma cena de berros e insultos. Passou pouco tempo e, num domingo, após a missa, Fernando Cerullo, o sapateiro, pai de Lila e de Rino, um homem pequeno, magérrimo, aproximou-se timidamente de dom Achille e lhe pediu desculpas, sem entretanto dizer por que se desculpava. Eu não vi, ou pelo menos não me lembro de ter visto, mas se disse que as desculpas foram feitas em alto e bom som, de modo que todos ouvissem, embora dom Achille tivesse seguido em frente como se o sapateiro não falasse com ele. Pouco tempo depois, eu e Lila ferimos Enzo no tornozelo com uma pedra, e Enzo atirou uma pedra que atingiu Lila na cabeça. Enquanto eu gritava de medo e Lila se reerguia com o sangue a escorrer por baixo dos cabelos, Enzo desceu para o descampado também sangrando e, ao ver Lila naquele estado, de modo totalmente imprevisível e incompreensível para nós, começou a chorar. Logo em seguida Rino, o irmão adorado de Lila, chegou à escola e aplicou vários tabefes em Enzo, que mal se defendeu. Rino era maior, mais velho e mais motivado. Não só: Enzo não disse nada sobre a surra que levou, nem a seu bando, nem à mãe, nem ao pai, nem aos irmãos e primos, que trabalhavam todos no campo e vendiam frutas e verduras com o carroto. Naquela altura, graças a ele, as vinganças pararam.

10.

Por certo tempo Lila circulou orgulhosamente com a cabeça enfaixada.

Depois tirou as bandagens e mostrou a quem quisesse ver a ferida preta, avermelhada nas bordas, que despontava da testa sob a linha dos cabelos. Por fim se esqueceu do que lhe acontecera e, se alguém olhasse fixo para a marca esbranquiçada que ficou em sua pele, ela fazia um gesto agressivo como a dizer: o que está olhando, vá cuidar de sua vida. A mim nunca disse nada, nem sequer uma palavra de agradecimento pelas pedras que lhe passei ou por eu ter enxugado seu sangue com a barra do meu avental. Mas desde aquele momento ela começou a submeter-me a provas de coragem que já não tinham nada a ver com a escola.

A gente passou a se encontrar no pátio com frequência cada vez maior. Mostrávamos nossas bonecas, mas sem dar na vista, uma perto da outra, como se estivéssemos sós. A certo ponto experimentamos colocá-las em contato, para ver se se davam bem. E assim veio o dia em que estávamos próximas da abertura do porão com a grade descolada e fizemos uma troca, ela ficou um pouco com minha boneca e eu com a dela, e Lila de repente fez Tina passar pela abertura na grade e a deixou cair.

Senti uma dor insuportável. Considerava minha boneca de plástico a coisa mais preciosa que eu tinha. Sabia que Lila era uma menina malvada, mas nunca esperei que me fizesse uma coisa tão cruel. Para mim a boneca tinha vida, saber que ela estava no fundo de um porão, em meio aos mil animais que viviam ali, me deixou desesperada. Mas naquela ocasião aprendi uma arte que mais tarde aperfeiçoei bastante. Contive o desespero, contive-o na borda dos olhos brilhantes, tanto que Lila me disse em dialeto:

“Você não se importa?”

Não respondi. Experimentava uma dor violentíssima, mas sentia que pior ainda teria sido brigar com ela. Estava como estrangulada entre dois sofrimentos, um já em ato, a perda da boneca, e outro possível, a perda de Lila. Não disse nada, fiz apenas um gesto sem despeito, como se fosse natural, embora natural não fosse e eu soubesse que estava me arriscando muito. Limitei-me a jogar no porão sua Nu, a boneca que ela acabara de me dar.

Lila me olhou incrédula.

“O que você fizer, eu também faço”, declarei logo em voz alta, assustadíssima.

“Agora vá buscá-la.”

“Só se você for buscar a minha.”

Fomos juntas. Na entrada do edifício, à esquerda, estava o portãozinho

que conduzia ao subsolo, o conhecíamos bem. Bamba como era – uma das folhas se sustentava numa única dobradiça –, a porta estava bloqueada por uma corrente que mal e mal prendia as duas tábuas. Toda criança era tentada e ao mesmo tempo aterrorizada pela possibilidade de forçar a portinha aquele tanto que tornaria possível passar para o outro lado. Nós fizemos isso. Conseguimos abrir um espaço suficiente para que nossos corpos delgados e flexíveis se esgueirassem para o porão.

Uma vez ali dentro, primeiro Lila, depois eu, descemos por cinco degraus de pedra a um local úmido, mal iluminado pelas poucas aberturas ao nível da rua. Eu estava com medo, tentei seguir atrás de Lila, que no entanto parecia furiosa e ia decidida a recuperar sua boneca. Avancei Tateando. Sentia sob a sola das sandálias objetos que estalavam, vidro, pedrisco, insetos. Em torno havia coisas não identificáveis, massas escuras, pontiagudas, quadradas ou arredondadas. A escassa luz que atravessava o escuro às vezes caía em coisas reconhecíveis: o esqueleto de uma cadeira, a haste de um lampadário, caixas para frutas, fundos e laterais de armários, gonzos de ferro. Levei um grande susto ao ver o que me pareceu uma cara flácida com grandes olhos de vidro, que se alongava num queixo em forma de caixa. Topei com ela pendurada numa geringonça de madeira, com uma expressão desolada, e gritei, apontando-a para Lila. Ela se virou num instante, se aproximou devagar de costas para mim, avançou a mão com cautela e a tirou da geringonça. Depois se voltou. Pôs a cara de olhos de vidro sobre a sua e agora exibia um rosto enorme, órbitas redondas sem pupilas, nada de boca, só aquela queixada preta balançando em seu peito.

Foram instantes que me ficaram bem impressos na memória. Não tenho certeza, mas devo ter dado um verdadeiro grito de horror, porque ela se apressou em dizer com voz retumbante que era apenas uma máscara, uma máscara antigás: seu pai a chamava assim, tinha uma idêntica no depósito de casa. Continuei gemendo e tremendo de medo, o que evidentemente a convenceu a tirá-la do rosto e jogá-la num canto com estrondo e muita poeira, que se adensou entre as línguas de luz das claraboias.

Fiquei calma. Lila olhou ao redor e localizou a abertura de onde deixamos cair Tina e Nu. Fomos para perto da parede áspera, grumosa, olhamos na sombra. As bonecas não estavam lá. Lila repetia em dialeto: não estão aqui, não estão aqui, não estão aqui, e apalpava o piso com as mãos, coisa que eu não tinha coragem de fazer.

Foram minutos intermináveis. Por um momento achei que tivesse visto

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A Amiga Genial"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).